

Dois britânicos assassinados pelos BA's

16.1.85

* Terroristas fugiram para África do Sul

Dois indivíduos de nacionalidade britânica foram assassinados a tiro, por bandidos armados, na manhã do último domingo, na estrada que liga a fronteira de Ressano Garcia à capital do País — confirmaram ao «Notícias» fontes oficiais e da Embaixada da Grã-Bretanha, em Maputo. As vítimas são Peter Gerald Hunt, de 49 anos, e Christopher Peter Hunt, de 25 anos. Segundo o Embaixador britânico, Eric Vines, trata-se de dois irmãos que tiveram como última residência a cidade sul-africana de Joanesburgo. Desconhecem-se mais pormenores sobre a identidade e actividade das vítimas, aguardando a Embaixada britânica, em Maputo, uma informação do Consulado-Geral britânico, em Joanesburgo, contactado para o efeito.

Peter e Christopher Hunt haviam atravessado a fronteira de Komatipoort, na África do Sul, para a de Ressano Garcia, no nosso País, por volta das nove horas do último domingo. Eles viajavam num automóvel da marca «Jaquar», com a matrícula DRC 465 T, sendo possuidores de um visto de permanência no nosso País, por um período de 30 dias.

Os dois britânicos foram assassinados uma hora depois de terem atravessado a fronteira, viajando já na estrada em direcção a Maputo. O local do crime dista quatro quilómetros em linha recta da fronteira da África do Sul, segundo o Administrador do distrito da Moamba, Alberto Bila, contactado pelo nosso jornal.

Depois do assassinato, os bandidos armados empreenderam a sua fuga, face à presença na área de unidades das Forças Armadas, em direcção à África do Sul, como indicam as respectivas pegadas e outros vestígios deixados no terreno pelos terroristas.

Os restos mortais dos dois cidadãos foram transportados ontem, ao fim da tarde, para Maputo. Segundo o Vice-Ministro da Saúde, Dr. Fernando Vaz, os corpos estão depositados no Instituto de Medicina Legal, onde serão autopsiados para se determinar a causa da morte. Uma primeira versão havia indicado que as vítimas foram assassinadas a baioneta. Uma segunda versão, que é confirmada pelo Administrador da Moamba, ambos foram mortos a tiro.

O Embaixador Eric Vines disse-nos que havia sido enviada uma mensagem ao Consulado-Geral da Grã-Bretanha, em Joanesburgo, para se obterem informações mais pormenorizadas acerca da identidade dos dois britânicos.

Aquele diplomata afirmou-nos que, provavelmente, os dois irmãos seriam homens de negócios e que se deslocariam a Moçambique para investigar as possibilidades de investimento ou de comércio. Eric Vines admitiu que os dois cidadãos têm familiares em Joanesburgo, mas até ao princípio do mês de ontem o Consulado-Geral britânico, naquela cidade sul-africana, ainda não havia respondido à mensagem enviada do Maputo.

COMO SE DEU O CRIME

Segundo a versão de fontes autorizadas do Ministério da Segurança do nosso País e do Administrador do distrito da Moamba, Alberto Bila, os

dois cidadãos britânicos foram assassinados a tiro pelos bandidos armados, que saquearam depois todo o dinheiro e bens de ambos e incendiaram a viatura, que os transportava.

Depois de atravessarem a nossa fronteira, em Ressano Garcia, Peter e Christopher Hunt chegaram a um posto de controlo das Forças Armadas de Moçambique, a cerca de três quilómetros daquela localidade, na estrada em direcção a Maputo.

Os militares daquele posto de controlo, segundo afirmaram posteriormente, informaram os dois cidadãos britânicos que deveriam aguardar uns momentos, até à chegada àquela localidade de três outras viaturas, estas pertencentes a cidadãos moçambicanos, que trabalham nas minas na África do Sul, que estavam a atravessar a fronteira de Ressano Garcia.

Os militares pretendiam formar uma coluna de reduzidas dimensões, que teria a devida protecção, face à eventualidade de um ataque dos bandidos armados à estrada, para se prosseguir a viagem com segurança até Maputo.

Porque os militares não falam a língua inglesa e porque os cidadãos britânicos não entendiam a língua portuguesa, houve um desentendimento entre as duas partes. Peter e Christopher Hunt, não quiseram aguardar pelas outras três viaturas e preferiram avançar. Face à insistência no desejo dos visitantes de prosseguirem a viagem sozinhos, os militares deixaram-nos partir.

Cerca de dois quilómetros mais à frente, a viatura de Peter e Christopher Hunt foi interceptada por bandidos armados. Estes obrigaram os dois irmãos a abandonar o carro e, quando os revistavam, os terroristas ouviram o ruído de motores.

Pensando tratar-se de uma coluna com protecção militar, os bandidos armados refugiaram-se numa mata próxima, levando consigo os dois cidadãos. Ao verem que se tratava de três viaturas civis — precisamente as dos mineiros moçambicanos — sem escolta militar, os bandidos armados dispararam em direcção à última a atingindo.

De regresso à estrada e junto do automóvel, os bandidos armados abriram fogo sobre os dois irmãos,

assassinando-os friamente. Depois, saquearam todo o dinheiro e bens que Peter e Christopher Hunt traziam, incendiando a viatura em seguida.

Os militares das Forças Armadas, que estavam no posto de controlo, alertados pelos disparos das armas, dirigiram-se imediatamente para o local de onde vinha o barulho, encontrando os dois irmãos já mortos e o carro a arder.

Tomando as pegadas como ponto de referência, iniciaram a perseguição aos bandidos. Estiveram no local onde haviam sido disparados os tiros, em direcção a uma das viaturas dos mineiros moçambicanos, comprovado pelas cápsulas que estavam no terreno.

Continuando a perseguir as pegadas e outras indicações, os militares chegaram até à fronteira sul-africana.

«Os bandidos armados entraram para a África do Sul» — disse-nos o Administrador do Distrito da Moamba, Alberto Bila. Uma fonte do Ministério da Segurança afirmou-nos que, na madrugada de segunda-feira passada, a menos de 18 horas do assassinato dos dois britânicos, os bandidos armados sabotaram a linha de transporte de energia eléctrica para Maputo.

Segundo a AIM, o assassinato deu-se a um quilómetro do local onde foi sabotada a linha de transporte de energia. O local da sabotagem dista exactamente 2,9 quilómetros da fronteira da África do Sul.

O Administrador da Moamba, Alberto Bila, disse-nos que, provavelmente, os dois crimes teriam sido cometidos pelo mesmo grupo. «Pode-se admitir que os bandidos entraram pelo local por onde haviam fugido horas antes» — acrescentou aquela fonte.

